

UM OLHAR SOBRE O DIÁRIO DE ALFREDO JOSÉ EICHEL – COLÔNIA MALHADA ENTRE 1946 E 1954

■ ALBONI MARISA DUDEQUE PIANOVSKI VIEIRA

Pontifícia Universidade Católica do Paraná

■ EUNICE DE FÁTIMA RYNDACK

Pontifícia Universidade Católica do Paraná

RESUMO

O objetivo deste artigo é analisar, no contexto da história da educação matemática, os registros constantes do diário de Alfredo José Eichel, engenheiro civil e agrônomo nascido na Polônia que, aos trinta anos veio ao Brasil como turista, mas que, devido à Revolução de 1930, no Brasil, não conseguiu retornar ao país de origem. Fixando-se no município de São José dos Pinhais/Colônia Malhada, escreveu, entre 1946 e 1954, um diário, no qual anotou acontecimentos do seu cotidiano e da comunidade. Pesquisar o conteúdo desse diário possibilitou identificar, como categorias de análise, registros alusivos às profissões que exerceu, a acontecimentos domésticos e da comunidade, bem como ao uso dos saberes elementares matemáticos no cotidiano. A pesquisa, de caráter bibliográfico e documental, apoiou-se na história cultural, fundamentando-se nos estudos de Bacellar (2005), Bardin (2016), Chartier (2002), Cunha (2013), Le Goff (1992), Vieira (2013) e Viñao Frago (2000), entre outros. A principal fonte documental foi o diário de Alfredo José Eichel. Os resultados possibilitaram constatar que as anotações do diário estudado fizeram parte de um contexto histórico local e singular, podendo-se afirmar que os saberes elementares matemáticos foram essenciais para a inserção e a compreensão de aspectos da realidade da época.

Palavras-chave: História da educação matemática. Diário. Alfredo José Eichel. Saberes elementares matemáticos.

ABSTRACT

A LOOK AT THE DIARY BY ALFREDO JOSÉ EICHEL – COLÔNIA MALHADA BETWEEN 1946 AND 1954

The purpose of this article is to analyze, in the history of mathematical education context, the constant records of Alfredo José Eichel's diary, civil engineer and agronomist born in Poland that, at the age of thirty came to Brazil as a tourist, but, considering the 1930 Revolution in Brazil, did not return to his country of origin. Settling in the city

of São José dos Pinhais/Colônia Malhada, he wrote, between 1946 and 1954, a diary, in which he took note of his domestical and community events. Research the included in this diary made possible to identify, as analysis categories, entries related to the professions he held, to domestical and community events, as well as the use of the elementary mathematical knowledge in every day. The research, with bibliographical and documental character, is founded in the cultural history, grounded in the studies of Bacellar (2005), Bardin (2016), Chartier (2002), Cunha (2013), Le Goff (1992), Vieira (2013) and Viñao Frago (2000), entre outros. The main documental source was the Alfredo José Eichel's diary. The results made possible to infer that the studied diary's notes were part of a local historical context, it can be sad that elementary mathematical knowledge was essential to insert and comprehend aspects of the reality of the time.

Keywords: History of mathematical education. Diary. Alfredo José Eichel. Elementary mathematical knowledge.

RESUMEN

UNA MIRADA SOBRE EL DIARIO DE ALFREDO JOSÉ EICHEL – COLÔNIA MALHADA ENTRE 1946 Y 1954

El objetivo de este artículo es analizar, en el contexto de la historia de la educación matemática, los registros constantes del diario de Alfredo José Eichel, ingeniero civil y agrónomo nacido en Polonia que, a los treinta años vino a Brasil como turista, pero que, debido a la Revolución de En 1930, en Brasil, no logró regresar al país de origen. En el municipio de San José de los Pinhais / Colonia Malhada, escribió, entre 1946 y 1954, un diario, en el que anotó acontecimientos de su cotidiano y de la comunidad. La búsqueda de lo contenido en este diario posibilitó identificar, como categorías de análisis, registros alusivos a las profesiones que ejerció, a acontecimientos domésticos y de la comunidad, así como al uso de los saberes elementales matemáticos en el cotidiano. La investigación, de carácter bibliográfico y documental, se apoyó en la historia cultural, fundamentándose en los estudios de Bacellar (2005), Bardin (2016), Chartier (2002), Cunha (2013), Le Goff (1992), Vieira (1998) (2013) y Viñao Frago (2000), entre otros. La principal fuente documental fue el diario de Alfredo José Eichel. Los resultados posibilitar constatar que las anotaciones del diario estudiado formaron parte de un contexto histórico local y singular, pudiéndose afirmar que los saberes elementales matemáticos fueron esenciales para insertarse en él y comprender aspectos de la realidad de la época.

Palabras clave: Historia de la educación matemática. Todos los días. Alfredo José Eichel. Saberes elementales matemáticos.

Introdução

O interesse pela análise do diário de Alfredo José Eichel surgiu quando sua existência foi revelada por seus familiares, em uma conversa informal. Logo, buscou-se averiguar a possibilidade de realizar um estudo do documento, pois se tratava de algo que, certamente, contribuiria para recompor parte da história de vida do professor e agricultor, da Colônia Malhada, da educação na localidade e do uso dos saberes matemáticos apropriados no cotidiano. Após autorização do guardador do diário¹, procurou-se os caminhos corretos para a efetivação da pesquisa, por se tratar de um documento manuscrito, cujos blocos de folhas foram colocados juntos e amarrados com barbante e arame na extremidade esquerda, portanto, um material delicado, detentor de um valor simbólico sem precedentes, considerando-se ter sido escrito na década de 1940 e ser único.

Os requisitos considerados para a análise do documento foram seguidos de acordo com as sugestões de Bacellar (2005), o qual explica que é preciso conhecer a origem do documento, colocá-lo em local apropriado para realizar o estudo, usar luvas e ter cuidado ao manuseá-lo. Este autor ainda explica que “documentos do passado não foram elaborados para o historiador, mas sim para atender a necessidades específicas do momento” (BACELLAR, 2005, p. 68-69). Em face disso, é preciso que seja contextualizado historicamente, para sua melhor compreensão. No processo de análise, para que fosse realizado a contento, foi preciso ler e reler o documento inúmeras vezes, a fim de

identificar as categorias a serem estudadas com profundidade (LUDKE; ANDRÉ, 1986).

Após o mapeamento do conteúdo do diário, elaborou-se o problema: como a análise do conteúdo do diário de Alfredo José Eichel poderia contribuir para recompor a história do cotidiano das pessoas da Colônia Malhada e a do próprio professor e agricultor, com base nos saberes elementares matemáticos, entre 1946 e 1954? Para responder a essa problematização, a partir da análise dos registros do diário de Alfredo José Eichel, estabeleceram-se os seguintes objetivos específicos: descrever o contexto histórico da Colônia Malhada, na qual viveu Alfredo José Eichel; identificar os registros que se referiam a assuntos educacionais, à propriedade agrícola, ao cotidiano doméstico e à comunidade; relacionar o uso dos saberes elementares matemáticos ao cotidiano de Alfredo José Eichel.

A pesquisa é de caráter bibliográfico e documental, com apoio na história cultural. A fundamentação bibliográfica está pautada nas obras de diversos autores. Para compreender a relação entre passado e presente, foi utilizada a obra de Vieira (2013), que afirma que: “as narrativas dos sujeitos que fazem parte da história estudada enriquecem o processo investigativo, possibilitando compreender o passado e o presente em suas políticas, ideologias e práticas” (VIEIRA, 2013, p. 73). Os estudos de Marochi (2006), Turbanski (1978) e Fausto (1999) foram essenciais para compreender a formação da Colônia Malhada e o contexto histórico em que Alfredo José Eichel escreveu o diário.

No que se refere ao documento, Le Goff (1992) explica que “O documento é coisa que fica, que dura, e o testemunho, o ensinamento que ele traz devem ser em primeiro lugar analisados desmistificando o seu significado aparente” (LE GOFF, 1992, p. 548). Um diário, afir-

1 O diário, que se refere ao período 1946-1954, encontra-se, hoje, no Arquivo Histórico da Escola Alfredo José Eichel. Tornou-se interesse de estudo, ao ser encontrado entre documentos antigos guardados na casa antiga da filha de Alfredo José Eichel, que seriam queimados não fosse o pedido da autora do artigo, à neta do professor, Nilce Regina Sare Ryndack, por documentos relativos à Escola Municipal Alfredo José Eichel, objeto de estudo de uma dissertação de mestrado.

ma Bacellar (2005), é uma fonte privilegiada de informações, porém “alguns cuidados devem [...] ser tomados, em particular pelo fato que tal documentação retrata o patrimônio de um indivíduo em um momento específico, e a qualidade desse patrimônio deve, necessariamente, ser considerada segundo esse momento” (BACELLAR, 2005, p. 69). Nessa perspectiva, Cunha (2013) acrescenta que o estudo de fontes, como diários pessoais, é a oportunidade de investigar momentos da história, em suas particularidades, e do modo de vida, sob um olhar diferente, e as impressões e reações que o autor manifesta e materializa no papel. No entendimento de Cunha (2013), pode-se conhecer detalhes de uma época, características sociais de vida, reações a uma determinada política local, maneiras de viver ou enfrentar dificuldades locais como também memórias de acontecimentos locais e relacionamentos familiares de uma determinada época e lugar. Assim, “Os diários, expondo representações da memória familiar e grupal de seu tempo, tornam possível a instauração de teias de sensibilidades pelo conhecimento de detalhes de acontecimentos sociais, culturais e políticos de uma época” (CUNHA, 2013, p. 130).

Realizado o inventário do material, passou-se à categorização do conteúdo, de acordo com os objetivos da pesquisa (BARDIN, 2016). Ludke e André (1986) explicaram que, para categorizar, é necessário uma boa leitura e releitura, seguida de atenção aos detalhes das informações e do processo de análise que permite identificar categorias contidas nos registros a que se propõe estudar. Esse procedimento inclui também não deixar de lado as informações que, a princípio, não puderam ser categorizadas, para estudo posterior.

Verifique se certos temas, observações e comentários aparecem e reaparecem em contextos variados, vindos de diferentes situações. Esses aspectos que aparecem com certa regula-

ridade são a base para o primeiro agrupamento da informação em categorias. Os dados que não puderem ser agregados devem ser classificados em um grupo à parte para serem posteriormente examinados. Esses dados não devem ser desprezados, pois nem sempre a importância de um tópico pode ser medida pela frequência com que ocorre. (LUDKE; ANDRÉ, 1986, p. 43)

A abordagem utilizada na pesquisa foi a história cultural, com apoio em Chartier (2002), para quem a história cultural é o campo da história que nos permite observar e descrever a história de pessoas que, dentro de um contexto geral, não são consideradas na ‘história das grandes personalidades’. Explica Chartier (2002):

O historiador procura localizar e interpretar temporalmente o artefacto num campo em que se intersectam duas linhas. Uma linha é vertical, ou diacrónica, pela qual ele estabelece a relação de um texto ou de um sistema de pensamento com as manifestações anteriores no mesmo ramo de atividade cultural, (pintura, política, etc.). A outra é horizontal, ou sincrónica; através dela, determina a relação do conteúdo do objeto intelectual com o que vai surgindo ao mesmo tempo noutros ramos ou aspectos de uma cultura. (CHARTIER, 2002, p. 63-64)

Por meio da história cultural, é possível conhecer e explorar a contribuição de personagens do dia a dia, não os referenciados pela história como heróis, mas sim a história daqueles que foram esquecidos pela história de grandes personalidades. A história cultural articula as singularidades ao mundo social, possibilitando que se realize a análise do diário de um professor, que é uma forma de singularidade, pois é um diário pessoal, para os registros que tratam de assuntos da escola isolada na qual o professor ministrava aulas e da cooperativa da qual foi presidente. Uma forma na qual “uns representantes (instâncias colectivas ou pessoas singulares) marcam de forma visível e perpetuada a existência do gru-

po, da classe ou da comunidade” (CHARTIER, 2002, p. 23).

A estrutura do artigo compreende três partes. Na primeira, buscou-se explicar o histórico da Colônia Malhada e a chegada, nela, de Alfredo José Eichel. Na segunda, há uma descrição do documento estudado e a análise de categorias como tempo, propriedade, trabalho, educação, visitas na casa ou na propriedade, acontecimentos familiares e na comunidade. Na terceira parte, procurou-se relacionar os registros do diário com as apropriações dos saberes elementares matemáticos no cotidiano.

Recompondo o passado de Alfredo José Eichel

Os primeiros imigrantes europeus que se dirigiram para a Colônia Malhada o fizeram de forma espontânea, a partir do final do século XIX. A região já era habitada por descendentes de portugueses e, segundo um levantamento realizado em 1893, sobrenomes como Alves, Andriegueto, Araujo, Bolim, Carvalho, Fogiato, Furquim, Ferreira de Jesus, Franco dos Santos, Geboge e Santos ali estavam presentes. É notória a mistura de imigrantes italianos e poloneses com os antigos moradores. As primeiras famílias de imigrantes trabalharam com a agricultura, e como em outras colônias dos arredores, manifestaram preocupação com a construção de uma Igreja Católica e de uma escola. Juntos, italianos, poloneses e portugueses conseguiram edificar a Igreja. Sabe-se que existia uma escola no local, que era frequentada por brasileiros. No entanto, os imigrantes preferiram construir outra, na qual fosse possível um ensino bilíngue; português e polonês, considerando-se que os poloneses eram a maioria (MAROCHI, 2006). Entre 1910 e 1950, foram encontrados registros de quatorze famílias morando na localidade. É nesse contexto que a Colônia Malhada recebe um novo

morador em 1943: Alfredo José Eichel (MAROCHI, 2006).

Nascido em 21 de setembro de 1901, na cidade de Lwow, Polônia, Alfredo José Eichel era filho de Antônio José e Francisca Maria Eichel, tendo vivido a infância e a adolescência em Lwow, onde se formou engenheiro civil e agrônomo. Aos 17 anos, participou da 1ª Guerra Mundial, na qual perdeu o pai. Na condição de turista, veio para o Brasil, em 04 de fevereiro de 1930, a bordo do vapor ‘Zelândia’, da Royal Holland Lloyd, que saiu de Varsóvia e aportou no Rio de Janeiro. Em virtude da Revolução de 1930² no Brasil, não conseguiu retornar à Polônia. Na cidade do Rio de Janeiro, trabalhou como engenheiro civil e aí conheceu Jorge Mansus do Nascimento, que lhe fez a proposta de vir para São José dos Pinhais/Paraná e ficar hospedado na casa de sua mãe, dona Isabel (MEMORIAL HISTÓRICO DA ESCOLA MUNICIPAL ALFREDO JOSÉ EICHEL, 1985).

O domínio de várias línguas encaminhou Eichel para o trabalho como professor. Inicialmente, trabalhou na escola mantida pela Sociedade Polonesa “Rolnik”, na Colônia Gonçalves Junior, no município de Irati. Nos encontros promovidos pela Sociedade Polonesa, encontrou Reginalda Halama, também professora, com quem se casou e teve 10 filhos. Na sequência, o casal trabalhou em Irati, Campo Largo, São Mateus no Paraná e na Colônia Luis Alves, em Santa Catarina, até chegar à localidade de Malhada, em São José dos Pinhais, oportunidade em que ambos conseguiram uma permuta com as professoras que trabalhavam no local. Em 1943, adquiriu um imóvel que pertencia à sociedade polonesa, no qual funcionava a Escola Isolada de Malhada, na comunidade de Malhada, e ali fixou residên-

2 Movimento liderado pelos Estados de Minas Gerais, Paraíba e Rio Grande do Sul, que culminou com um golpe de Estado em 1930. O presidente Washington Luiz foi deposto e Getúlio Vargas ascendeu ao poder como chefe de um governo provisório. (FAUSTO, 1999)

cia. Com seus conhecimentos de engenheiro e agrônomo, acabou se envolvendo com as atividades agrícolas e auxiliando os agricultores da comunidade no uso adequado da terra e em novas formas de plantio. Mais tarde, assumiu o cargo de presidente e contador da cooperativa agrícola da Colônia Murici (MEMORIAL HISTÓRICO DA ESCOLA MUNICIPAL ALFREDO JOSÉ EICHEL, 1985).

Em 1943, Alfredo José Eichel, escreveu uma carta ao Interventor Federal do Paraná, Manoel Ribas, na qual explicava o trabalho que estava realizando na comunidade:

Agora estou na Colônia Malhada, e aqui como nos outros lugares quero trabalhar com civismo para o bem de nossa Pátria. Já comecei fazer conhecimentos com o nosso povo, Sr. Prefeito Quirino dos Santos, Padre Kupczyk de Murici e etc. Vi a grande e bonita Sociedade Agrícola de Murici dormindo e o povo desunido. A minha felicidade maior é notando em todos os pontos o PROGRESSO e assim aqui já comecei o meu trabalho. Falo com colonos, explico a forma da racional cultura, faço preleções agrícolas, como NACIONALIZADOR fino e brasileiro do coração,

explico os nossos deveres perante a nossa GRANDE e querida Pátria BRASIL. (EICHEL, 1943, p. [S.l.], maiúsculas no original).

Além dessas atividades que colaboraram para o desenvolvimento das Colônias Malhada e Murici, Eichel também lecionou no curso supletivo e formou as professoras que atuaram nas escolas isoladas do local e arredores. O professor Alfredo José Eichel faleceu em 27 de novembro de 1954, com 53 anos, de um colapso cardíaco (MEMORIAL HISTÓRICO DA ESCOLA MUNICIPAL ALFREDO JOSÉ EICHEL, 1985).

Descrição do diário

O diário do professor Alfredo José Eichel é composto por blocos de cadernos escolares da época. Uma parte é feita por folhas de cadernos quadriculados e outra por folhas de caderno de caligrafia, que estão costuradas com barbante e amarradas com arame na extremidade esquerda.

O documento apresenta 13 blocos dispostos de acordo com o Quadro 1:

QUADRO 1 – Quantidades de blocos e folhas que compõem o documento

BLOCOS	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13
FOLHAS	15	15	15	16	16	16	16	16	16	16	16	16	14

Fonte: Dados elaborados pelas pesquisadoras, de acordo com a análise realizada no documento (2018).

Encontra-se desgastado pela ação do tempo, com rasuras em algumas folhas e em outras a escrita está borrada pela umidade. A figura a seguir mostra uma folha do diário, que estava em melhores condições de visibilidade.

O diário de Alfredo José Eichel está composto por 203 folhas, as quais não possuem paginação. A sequência da escrita dá-se pelo dia, pelo mês e pelo ano, separados por um hífen. Os relatos escritos referem-se ao tempo no dia (chuva, sol, frio, geadas etc.), atividades realizadas na lavoura, quem as realizou, a quantidade do trabalho realizado e o valor

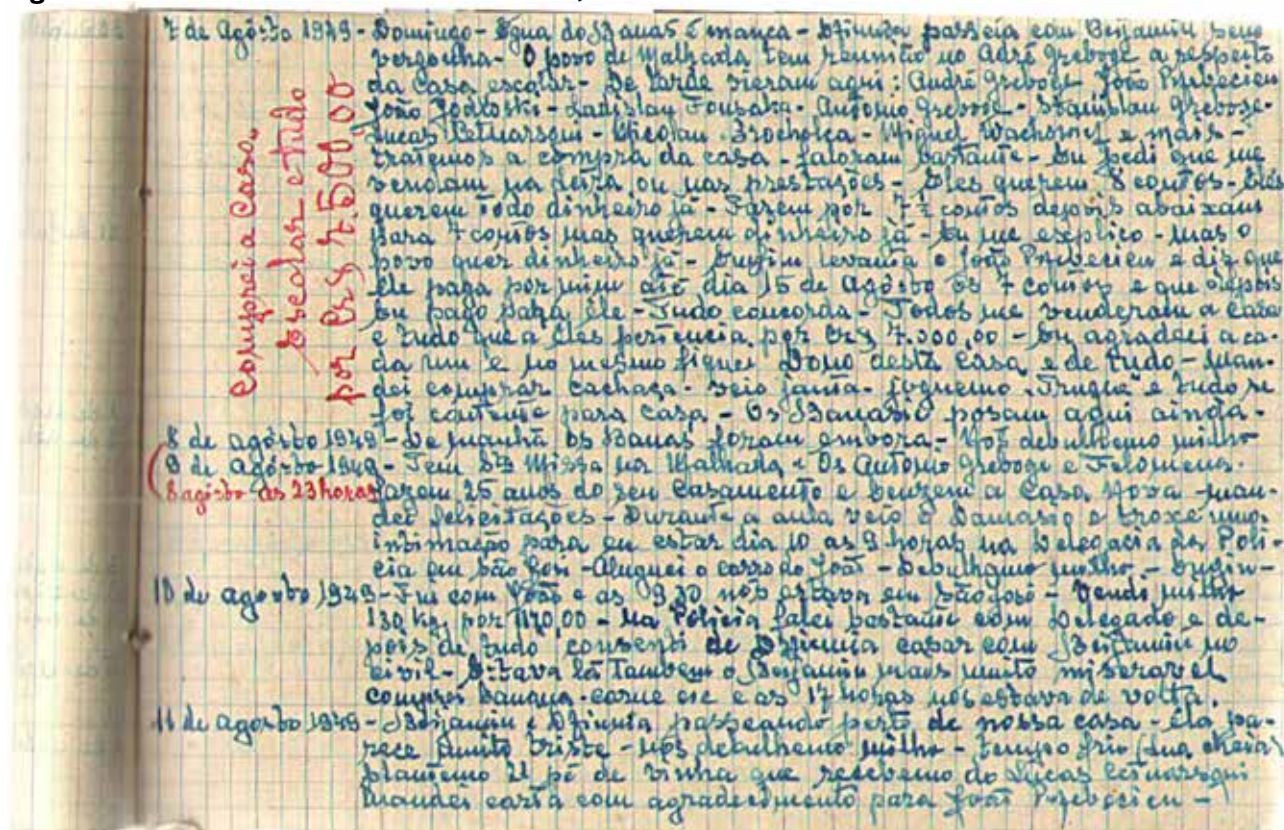
pago. Quando escreve sobre o seu trabalho na escola, utiliza a palavra 'aula' para indicá-lo. Há descrições de visitas recebidas em sua casa ou propriedade, por pessoas da comunidade e descrições de acontecimentos familiares e da Colônia Malhada, relativos ao período compreendido entre 1946 e 1954.

Alfredo José Eichel considerou importante marcar o tempo em suas anotações. Refere-se ao mesmo como chuva, dia bonito, dia feio, geada forte, frio e dia nublado. Nos dias 8 e 9 de agosto de 1948, ocorreram duas geadas fortes. Mais adiante registrou que: "28, 29, 30 e 31

março de 1949 [...] chuva cada dia e noite. [...] 25 de abril 1949 – forte frio. 17 de maio 1949 - chu-

va forte” (EICHEL, 1949, p. [S.I.]). As referências quanto ao tempo continuam até o ano de 1952.

Figura 1 – Folha do diário do Professor Alfredo José Eichel



Fonte: Acervo Nilce Regina Sare Ryndack, neta do Professor Alfredo José Eichel (2018).

Em relação a outros registros encontrados no diário, pode-se levantar informações relativas às atividades diárias no campo, como no registro a seguir: “23 setembro 1948 - Comecemos a primeira carpinação e aterramo batatinha, carpimo milho apar da estrada” (sic) (EICHEL, 1948). Em alguns momentos, escreve o local e a quantidade do que foi plantado “dia 9 de outubro de 1948 – Plantei no do Antonio 2½ litros de milho no meio da batatinha [...]” (EICHEL, 1948, p. [S.I.]).

Na descrição sobre a atividade do dia, o autor utiliza os termos “carpinação”, “carpimo”, que são palavras próprias do ambiente e convívio em áreas rurais e do modo de vida do homem do campo. Buscando informações sobre esses termos, Borba (2011) nos apresenta o seguinte significado para a palavra carpir: “limpar do mato; capinar” (BORBA, 2011, p. 244).

Para a palavra capinar encontra-se: “1. limpar do capim ou de erva daninha. 2. Arrancar ou cortar e, buscando pela palavra capinação, encontramos como significado: retirada do mato” (BORBA, 2011, p. 234). Observando que essas expressões e palavras indicam atividades e ações, constituindo um modo de vida característico do lugar, representam traços culturais distintos, mas que compõem um todo cultural da vida no campo.

No trecho “Dia 21 junho 1949 - Nós debulhando milho - Cetnarki cortam ‘tiguera’ e queimam um pedaço”, fala de descascar o milho, método de retirada dos grãos com as mãos, o que leva tempo para realizar, já que é espiga por espiga. Atualmente, essa atividade é feita por máquinas. Quanto à outra parte do registro, aparece uma expressão utilizada frequentemente pelos colonos ‘tiguera’, cujo significa-

do, de acordo com o dicionário Michaelis, é: 1. Roça depois de realizada a colheita. 2. Milharal já colhido e extinto. (MICHAELIS, 2015, p. [S.I.]

Analisando os seguintes registros “*Dia 2 de novembro 1949 - Sizinando passa carpideira - Nos tirando batatinha e plantando feijão no batatal - coivaremo e queimemo no capão (sic)*” (EICHEL, 1946-1954, p. [S.I.]), nos quais aparece a atividade relatada anteriormente e a utilização da coivara³ ou queimadas, observamos as técnicas de preparo da terra na época.

A atividade de arar e passar carpideira que, segundo Borba (2014), é um instrumento agrícola para carpir, era realizada com a tração do cavalo. São relatadas também, em muitas datas, a atividade de cortar ou roçar tiguera e aterrar, ação que era feita com enxada, e a ação de cortar centeio, que era realizada com o auxílio de um facão. A forma do discurso é característica da vida no campo, a descrição das ações inerentes a este trabalho, a maneira como escreve sobre a retirada de plantas daninhas da planta que se pretende cultivar, a necessidade de colocar mais terra sobre a planta e a descrição do local, são partes da escrita que colocam o autor como agricultor.

Lembrando as palavras de Chartier (2002, p. 141), quando explica a razão pela qual estuda as leituras camponesas: “Por detrás da imagem, pintada em tela ou feita literatura, será possível detectar os hábitos e práticas dos habitantes dos campos, que não são de modo algum os das nostalgias citadinas, mas os de carne e osso que povoam o país comum?” O professor Alfredo José Eichel, ao escrever as atividades realizadas no seu dia a dia, permite que por esses registros, se possa, segundo Chartier (2002), “detectar os hábitos e práticas dos habitantes do campo” (CHARTIER, 2002, p. 141).

3 A coivara é uma pilha de ramagens não atingidas pela queimada proposital de roça. A queimada é realizada para limpar o terreno e adubá-lo com as cinzas. (FERREIRA, 2001)

O carpir, aterrar, plantar mais de uma cultura no mesmo espaço do terreno, a divisão do terreno por partes e nomear essas partes, utilizando palavras como o nome da pessoa de quem era o terreno ou a característica do local, são hábitos e práticas peculiares ao campo. Além de hábitos referentes a ações diárias na lavoura, a leitura dos registros permite fazer uma lista dos produtos que eram cultivados na época, podendo-se, desta forma, fazer um levantamento da frequência de culturas utilizadas, do mesmo modo que associar a escolha destas culturas ao fato do local ser habitado por descendentes de poloneses.

Como descreve Turbanski (1978), as culturas lembravam o tempo, no continente europeu, pois os primeiros imigrantes trouxeram esses hábitos e passaram para seus descendentes. Segundo o mesmo autor: “O colono habituado à agricultura europeia, foi aos poucos, com grandes sacrifícios e dificuldades primitivas adaptando a terra a uma cultura cada vez mais racional” (TURBANSKI, 1978, p. 81). As primeiras culturas adotadas foram as produções de cereais, como trigo, centeio e cevada e a batatinha, verificadas pelo site ‘Casa da Polônia’, como produtos produzidos na Polônia nesse período. Foram estes os produtos citados pelo professor Alfredo José Eichel, em suas anotações na forma de tabela, com o nome ‘Planta em 1948’, nas quais escreve a quantidade plantada, o dia, mês, a lua em que foi realizada a plantação e o lugar que foi cultivado.

Continuando a leitura, na sequência das datas e ainda observando o tipo de cultura escolhido para cultivo, nota-se que aparecem registros de plantações de repolho, tomate e alface “*23 de agosto 1949 - Ainda feio - frio - Nos debulhando milho - plantemo tomate, alface, repolho*” (EICHEL, 1949), porém não relata mais este tipo de plantação até junho de 1951. A partir do ano de 1951, são relatadas mais vezes estas culturas, destacando-se a mudança

de cultivo de cereais para a cultura de hortaliças, mais tarde adotadas pela maioria dos agricultores da Colônia Malhada.

Com relação à produção de trigo, observa-se, pelas anotações, que eram cultivadas três variedades de sementes (Corriente, Paraná e Marumbi): “27 dezembro 1948 - *Bolino corta trigo Marumbi*” e “9 de julho 1949 - *Semeiemo 4 quartas de trigo Corriente e 4 quartas de trigo Lapa e 1 quarta de cevada [...]*” (sic) (EICHEL, 1949, [S. I.]). Turbanski (1978) descreve que o cultivo de trigo começou depois de 1917 e que algumas tentativas foram frustradas até um dos imigrantes conseguir cultivar uma qualidade cujas sementes guardou, possibilitando que o cultivo se espalhasse por toda a região e arredores. Essa qualidade foi denominada ‘Trigo 42’ e conhecido por ‘Trigo Marumby’. Tal registro, portanto, se constitui como um elemento a comprovar que a qualidade de trigo Marumby, além de ser cultivada na Colônia Murici, o foi também nos seus arredores.

Há ainda o registro da extração de erva-mate que, por um bom tempo, foi uma atividade econômica de São José dos Pinhais e do Estado do Paraná. O que se pode observar nos seguintes trechos: “24 de agosto de 1949 - [...] *Os Marcovis cortam erva [...]*” (EICHEL, 1949, p. [S.I.]). Em outra passagem: “26 de agosto 1949 - *Os Marcovis sapecam erva [...]*” (EICHEL, 1949, p. [S.I.]). E, em “31 de agosto 1949 - [...] *Marcovis bate erva e leva para o negócio do Schiniscoski*” (EICHEL, 1949, p. [S.I.]).

Na época, a região onde está localizada a cidade de São José dos Pinhais apresentava, em sua vegetação, uma numerosa quantidade de ervais o que, segundo Colnaghi (1992), deu “ao município papel significativo nessa nova economia dinâmica, que se manteve como a principal atividade econômica do Paraná até a década de 1930” (COLNAGHI, 1992, p. 45). Desta forma, os registros observados colocam o professor Alfredo José Eichel relatando, de forma

escrita, as atividades iniciais dos imigrantes poloneses, assim como as culturas escolhidas, e descrevendo os detalhes do trabalho agrícola.

No que se refere à escola, há registros sobre ações que o professor realizava em relação ao seu trabalho na comunidade. Aparecem anotações sobre o curso noturno e os exames:

Dia 20 de novembro 1949 - domingo - veio carta do Aluizio em que diz, que eu tenho de examinar o supletivo - e que dia fica exame dia 6 de dezembro [...]. Dia 22 de novembro de 1949 - Albino trouxe mapas de exames [...]. De noite tenho exame do supletivo ainda [...]. Dia 26 de novembro 1949 - sábado - nos com aula - e alguns serviços na lavoura de noite eu examino as minhas duas Escolas Supletivas na presença dos pais dos alunos [...]. (EICHEL, 1949, p. [S.I.])

A preocupação com o aperfeiçoamento era constante na vida do professor José Alfredo Eichel. Fez anotação sobre o assunto: “24 de fevereiro 1950 - *Nos de Zacarias fomos no São José dos Pinhais no curso de aperfeiçoamento em que vamos ficar 8 dias nas aulas*” (EICHEL, 1950, p. [S.I.]). O professor preocupava-se também com o exercício da educação na comunidade. Em uma ocasião, foi solicitada a sua ajuda para resolver um problema em que estava envolvida uma professora da comunidade, que havia sido exonerada. Tratava-se da professora extranumerária Rosalina Grebogi. No diário, consta que primeiro surgiram boatos que o governador na época iria exonerar muitos funcionários e, mais tarde, se teve certeza, pelo registro a seguir:

13 de fevereiro 1951 - Dia bonito - Vieram os jornais do Aluizio - O Bento exonera o funcionalismo Público em massa - [...]. Dia 2 de março de 1951 - Dia frio Aulas - Henrique trouxe jornais no de dia do 1º de março tem decretos de exoneração de 128 professoras normalistas e 800 professoras extranumerárias - [...]. 7 de março de 1951 - [...] veio o padeiro paguei a ele toda a minha dívida antiga - disse padeiro que muitas professoras ficou exonerada e entre elas ficou exonerada a professora Rosalina Greboge de

Gamelas [...]. Maria e Rosalina vieram de noite - lemo os decretos nos jornais que o Albino trouxe e mesmo nos decretos do jornal de 6 de março a Rosalina ficou exonerada [...]. 9 de março de 1951 - [...]. De tarde voltou o Antonio e trouxe 2 jornais do Aluizio - disse Antonio: que Ernesto Moro e o Aluizio mandaram a Rosalina ensinar nas Gamelas e de fazer um 'Baixo Assinado' do povo pedindo que ela fique [...]. (EICHEL, 1951, p. [S.I.])

Na folha seguinte, encontra-se o texto do abaixo-assinado citado no registro anterior.

Ao Exmo. Sr. Presidente da Assembléia Legislativa do Estado do Paraná Capital. Nós abaixo assinados habitantes da Colônia denominada 'Gamelas' do Município São José dos Pinhais, vimos respeitosamente, pela presente protestar perante a V. Excia. O fechamento da nossa escola e a exoneração da nossa professora extranumerária Rosalina Greboge pelo Decreto Governamental. A exoneração da professora Rosalina Greboge e o fechamento da nossa escola em que andaiz os nossos filhos ate hoje 33 alunos matriculados, faz prejudicar a nossa localidade e o nível cultural de nossos filhos. Contando com o alto espirito de justiça de V. Excia. Pedimos por intermédio do nosso Exmo representante Sr. Deputado Ernesto Moro Redeschi a V. Excia que se digne providenciar para que seja deixada sem efeito a exoneração da nossa professora e permitido o funcionamento da nossa escola para o bem da nossa localidade e do nosso Brasil. Contamos com o deferimento desta posição. (EICHEL, 1951, p. [S.I.])

Buscando mais informações sobre esse fato, pelo relatório de governo daquele ano, percebe-se que o governador em exercício relatava a necessidade de mudanças em relação aos gastos no setor da Educação. Descreve que mudanças na administração foram necessárias para atender a Lei nº 637, lei esta que, segundo o governador "deu nova composição aos quadros do ensino primário e profissional, no Paraná" (PARANÁ, 1951, p. 111). Acrescenta também que essa reestruturação nos quadros do ensino primário e profissional

oferecia a oportunidade de uma atualização ou ajustamento das situações e carreiras de numerosos funcionários que lotavam o quadro de ensino e que, efetivamente, exerciam funções de caráter completamente diverso (PARANÁ, 1951, p. 111).

No entanto, em seguida, no relatório, o governador expunha a necessidade de aumentar os professores primários, tendo em vista que o censo havia estimado que só um terço da população escolar do Paraná era atendida pelo serviço educacional, o que explicava o aumento do número de escolas e um maior atendimento para as regiões oeste e norte do Estado (PARANÁ, 1951, p. 111).

Os jornais citados pelo professor Alfredo José Eichel, em seu diário, apresentavam as manchetes descritas pelo autor, inclusive, na lista de professores extranumerários exonerados, aparecia o nome de Rosalina Greboge. O jornal 'O Dia' do dia 10 de fevereiro de 1951 apresentava a notícia com o título: 'Exoneração em massa de funcionários públicos'. Na publicação do dia 1º de março de 1951, havia a seguinte manchete: 'O Paraná sem escolas: Iniciada a derrubada dos professores primários - 132 professores normalistas exonerados - os nomes e o alcance político de cada medida'. Já na edição do dia 6 de março de 1951, constava uma lista com os nomes dos professores exonerados, na qual está o da professora Rosalina Greboge, com a manchete 'Lupion nos deu e Bento nos tirou' (O DIA, 1951).

De acordo com Viñao Frago (2000), os registros nos diários permitem compreender muito além do escrito:

[...] memórias e diários podem ser utilizados não só para contrastar discursos, propostas teórico-normativas e legalidade com a realidade e práticas educativas e escolares - ou, pelo menos, com a experiência que delas se teve isto é, como foram vividos - mas também oferecer um número suficientemente grande de testemunhos para poder extrair deles semelhanças

gerais e mostrar, ao mesmo tempo, a inesgotável diversidade das experiências particulares.⁴ (VIÑAO FRAGO, 2000, p. 21)

Alfredo José Eichel era uma pessoa popular na localidade, recebia muitas visitas. Escreveu que: “8 de maio 1949 – Domingo de tarde veio Pedro e posou aqui e voltou segunda feira de tarde” (EICHEL, 1949, p. [S.I.]). Mais adiante há registros de outras visitas que recebeu em sua casa, como amigos e padres.

Em se tratando de assuntos particulares, descreveu a compra de móveis para a sua residência: “30 de julho de 1946 - Comprei um guarda roupas do João por Cr\$ 230,00” (EICHEL, 1946, p. [S.I.]). Por meio das anotações percebeu-se que os membros de sua família também trabalhavam na roça: “5 de novembro - Elvira e Cecilia carpindo arroz. [...] 6 de novembro - Eu e mamãe carpindo milho. [...] 8 de novembro - Elvira e Cecilia pessando batatinha” (EICHEL, 1946, p. [S.I.]). Segundo o autor do diário, no dia “27 janeiro de 1947 - as 12 ½ horas nasceu meu filhinho em Malhada de São José dos Pinhais parteira Oltman” (EICHEL, 1947, p. [S.I.]). Relatou que, no dia 27 de setembro de 1948, foi padrinho de um casamento e gostou de tê-lo sido. No mesmo ano, 1948, dia 8 de dezembro, nasceu uma de suas filhas às 11h30min.

No que diz respeito aos registros de fatos sobre a comunidade, aparecem anotações sobre algumas personalidades conhecidas de São José dos Pinhais como: Narciso Mendes, Antônio Rios, Francisco Claudino, Aluizio Antunes – Inspetor Municipal do Ensino e Ernesto Moro Redeschi, prefeito na época. O profes-

sor registrou datas de casamentos de algumas pessoas da comunidade, nos quais o prefeito de São José dos Pinhais estava presente. Dos muitos casamentos registrados no diário, pode-se destacar o do dia 13 de junho, porque, aproveitando a oportunidade, o professor conversou com o prefeito e lhe entregou alguns documentos referentes à escola isolada em que atuava sua filha Cecilia Teresinha Eichel (Lila):

13 de junho 1950 - terça-feira - Aulas - Casamento no André Greboge - depois das aulas fomos no casamento - Estavam muita gente e o prefeito Moro Redeschi, falei com prefeito muito e di ao prefeito os Resumos da Lila e o requerimentos de títulos de eleitores, [...]. Voltemo de noite com auto do prefeito. (EICHEL, 1950, p. [S.I.]).

Aparecem relatos de que a pessoa que trazia coisas e a correspondência para as pessoas da comunidade era o padeiro: “18 de março 1950 - [...] Padeiro trouxe material escolar [...] Dia 22 de abril 1950 - [...] - Padeiro trouxe jornais” (EICHEL, 1950, p. [S.I.]).

Em relação às formas de lazer das pessoas da comunidade, aparecem registros sobre as festas promovidas pelas comissões das igrejas locais. O professor registrava todas as festas realizadas no local, inclusive na redondeza.

O meio de transporte era a charrete e, em outros momentos, a carroça puxada por cavalos, como se pode perceber no relato: “dia 24 de outubro 1948 - Nós estava na festa de Murici, mas na saída de casa caí da charrete” (EICHEL, 1948, p. [S.I.]).

A forma de comunicação, geralmente, se dava por cartas e por jornais. De acordo com os relatos, é possível perceber: “20 de agosto 1949 - [...] recebi carta de Aluizio em que pede para eu estar dia 22 em São José - e recebi os jornais de ‘O dia’ - 1ª do dia 16 de agosto de 1949” (EICHEL, 1949, p. [S.I.]). Aparecem também relatos de recebimento de revistas para as moças. O Sr. Aluizio, citado várias vezes pelo

4 No original: [...] memorias y diarios pueden ser utilizadas no sólo para contrastar los discursos, las propuestas teórico-normativas y la legalidad con la realidad y prácticas educativas y escolares – o, al menos, con la vivencia que se tenía de las mismas, es decir, con como fueron vividas –, sino también para ofrecer un número de testimonios suficientemente amplio como para poder extraer de ellos similitudes generales y mostrar, al mismo tiempo, la inagotable diversidad de las vivencias particulares. (VIÑAO FRAGO, 2000, p. 21)

autor, em seus registros, era inspetor de ensino no período das anotações no diário.

Saberes elementares matemáticos no cotidiano de Alfredo José Eichel

Ao ler cada página do diário do professor Eichel, foram surgindo muitas possibilidades e comprovações da utilização de registros quantitativos, envolvendo saberes matemáticos, apresentados na forma de organizar seus registros em tabelas, nas quais registrava as plantações realizadas, a utilização de elementos da natureza, como as fases da lua, bem como a maneira de organizar as finanças da família.

Os saberes elementares são as “primeiras aprendizagens” que podem ou não se constituir como disciplina, mas de alguma forma, dada a relevância que apresentam, são básicos para o desempenho em uma determinada área, assim como para a formação humana. Observa-se, portanto a reflexão de Hébrard (1990) sobre os saberes elementares, na qual, além de estabelecê-los como preliminares à transmissão de “saberes disciplinares”, também os coloca com algumas diferenças, pois os saberes disciplinares apresentam outros aspectos na sua constituição.

Esses saberes elementares podem ser considerados como não sendo mais que preliminares para a entrada nos ciclos de estudo explicitamente destinados a transmitir os saberes disciplinares, ao menos no sentido forte deste termo. Aí são exigidos aspectos ao mesmo tempo epistemológicos (saber escolar constituído), pedagógicos (prática escolar distinta, caracterizada por exercícios específicos) e culturais (saber e prática reconhecidos como possuindo um valor formativo para a criança ou o adolescente). (HÉBRARD, 1990, p. 65-66)

Ainda, seguindo as reflexões de Hébrard (1990, p. 65) sobre os saberes elementares,

quando o autor explica que, em um determinado período, esses saberes “eram diferentes facetas das práticas ordinárias da cultura escrita, indistintamente concebida como suporte da doutrina religiosa ou como instrumento necessário à gestão de sua vida e de suas ocupações, por mais comuns que fossem”, isso nos remete às vivências do professor Alfredo Eichel e observadas nos registros diários, nos quais aparecem apropriações de saberes matemáticos que foram instrumentos na sua vida familiar, comunitária e como agricultor.

Assim, partindo dessa reflexão, acrescentamos a descrição de Pinto e Valente (2016), que amplia a noção de saberes elementares, pois estabelece os saberes elementares como elementos que compõem os programas e currículos escolares de ensino, quando delinea os saberes elementares como “aqueles saberes referenciados pelas finalidades de escolares de cada tempo histórico, matérias a comporem os programas e currículos do ensino primário” (PINTO; VALENTE, 2016, p. 11).

Desta forma, apropriando-se da afirmação de Pinto e Valente (2016), de que a definição de saberes elementares depende do período histórico, faz-se necessário buscar pelos saberes elementares considerados no período em que o professor Alfredo José Eichel escreveu o diário. Para realizar essa abordagem, recorreu-se à leitura do material organizado pela pesquisadora Neuza Bertoni Pinto e Wagner Rodrigues Valente (2016), a partir do qual se pode reunir a Aritmética, o Desenho e a resolução de problemas, como saberes elementares do período.

A distribuição das informações registradas encontra-se em sequência, com o dia, mês e ano, distribuídos na vertical e a escrita dos acontecimentos, na lateral, em horizontal. Esta atitude de contar o tempo, observar sua passagem e a maneira como os fatos ocorrem e dar certa lógica e sequência a eles, constitui-

se em uma noção básica da Matemática, principalmente porque essa necessidade vem da experiência vivida, aliada ao fato de que, sendo professor, tinha os meios necessários para fazer tais registros.

A ação cognitiva de organizar a passagem do tempo, com registros de atividades humanas realizadas ao longo do dia, estimula o pensamento numérico e, por si só, indica a noção básica para a contagem. A necessidade de quantificar, ordenar e compreender as experiências humanas, de forma linear aos acontecimentos, está ligada à ação de contar (MENDES, 2006). Em suas anotações, o professor apresentava essas necessidades e organizava seus registros de forma linear, o que pode ser relacionado com a afirmativa de Mendes (2006):

O conceito de número está intimamente relacionado com o modo como nossas mentes trabalham no tempo, ou seja, nossa ideia de tempo está estreitamente ligada ao fato que nosso processo de pensamento consiste numa sequência linear de atos discretos de atenção. Por isso, o tempo é naturalmente associado à contagem. (MENDES, 2006, p. 12)

No registro, pode ser observada a utilização de medidas como: carros ou carradas, alqueire e quarta, assim como quantidades registradas na forma fracionária. Nos registros a seguir, pode ser verificada a utilização dessas medidas: “25 de maio 1949 - terminei a colheita de milho de 146 litros que deu 37 carradas de milho ou que tirei de uma quarta de milho $2\frac{1}{2}$ carradas” (EICHEL, 1949, p. [S.I.]). Em relação ao alqueire, explicou que: “Dia 24 de junho 1949 - Dia de São João - fomos no João Wachowicz - tratei a compra de 1 alqueire de mato por Cr\$ 400,00. [...] 25 de junho - Plantemo 2 quartas de batatinha na cinsa” (EICHEL, 1949, p. [S.I.]).

Segundo Silva (2010), “o alqueire é uma unidade de medida ainda usada no Brasil, sendo de origem árabe, foi a princípio, uma medi-

da de volume e mais tarde passou a ser uma unidade de medida agrária, pois se relacionou como medida de produção” (SILVA, 2010, p. 143-144). Observando também a utilização da unidade ‘quarta’, que, segundo o *Dicionário UNESP de Português Contemporâneo*, é a “unidade de medida equivalente a um quarto do alqueire” (BORBA, 2011, p. 1153) e, desta forma, tem o motivo de sua utilização ligada ao uso do próprio alqueire.

Foi possível também identificar o registro de trabalho realizado por empreitada, como se pode observar: “Dia 30 de junho de 1948 - Tratei com Cetnarqui que pegou empreitada⁵ de tudo junto com semente por 900,00” (EICHEL, 1948, p. [S.I.]). No entanto, esta unidade ou expressão encontra semelhança com outra palavra, que Silva (2010) descreve como uma unidade conhecida no campo, a tarefa, que apresenta o mesmo significado da palavra utilizada pelo professor em seu diário.

O homem do campo conhece muito bem outra unidade de medida agrária, denominada tarefa. Ela correspondia à quantidade de terra que um homem, ou grupo de homens, devia lavrar em determinado espaço de tempo, normalmente em um dia de trabalho. Ela apareceu em dimensões que variaram de 7 x 7 braças até 50 x 50 braças. O valor dependia do tipo do terreno e da região. (SILVA, 2010, p. 144)

Outra forma de apresentação de saberes matemáticos é a maneira como o professor organizava as informações sobre plantações, colheitas, gastos com as sementes, em tabelas, nas quais as colunas continham informações como: dia, mês, ano, tipo de plantação (centeio, trigo, batatinha, milho, cevada, feijão), fases da lua e lugar da plantação. As tabelas possuem como título, por exemplo: ‘A planta em 1948’. Em outra parte do diário, aparece a planta dos terrenos utilizados e sua moradia,

⁵ Trabalho que se faz mediante pagamento global pelo serviço prestado e não por remuneração diária ou mensal. (BORBA, 2011, p. 480)

as medidas estão em metros quadrados, mas é apresentada a equivalência em litros, muito utilizada na época para a medida de terrenos.

A relação das épocas de plantio e colheita é regida pelas fases da lua, conforme se pode verificar quando, em algumas páginas, ele registra em vermelho a lua e a data da mesma. Esse emprego da observação das constelações para o reconhecimento das estações do ano era utilizado desde épocas antigas, como observa Mendes (2006):

[...] quase todos os povos antigos reconheciam as estações do ano, observando constelações que surgiam com o anoitecer. Elas orientavam as práticas agrícolas, a pecuária, o armazenamento de alimentos, assim como ajudavam nas previsões climáticas e na tentativa de explicar e compreender fenômenos sobrenaturais. (MENDES, 2006, p. 2)

Em uma das folhas há cálculos sobre ganhos obtidos em 1945, em que o algoritmo da operação de adição merece destaque, pela forma como foi organizado: alguns dados foram registrados em outra cor e, com flechas, o professor ligou esses dados, dando condições de interpretar suas somas.

Vale destacar os registros de gastos em mercado ou com pessoas que realizavam alguns trabalhos para o professor, como também sua preocupação em pagar as suas dívidas, na frase *“Dia 10 de agosto de 1947 - liquidei toda a conta e não devo mais nada nem para Antônio nem para Clóvis”* (EICHEL, 1947, p. [S.I]).

Considerações finais

A análise do diário do Professor Alfredo José Eichel, realizada com o objetivo de compreender suas contribuições à comunidade da Colônia Malhada em São José dos Pinhais, apoiou-se na perspectiva da história cultural e na metodologia de análise documental.

Na busca pelos resultados, adotou-se a categorização das informações referentes às

atividades diárias na agricultura, aquelas ligadas à história do local, no caso, a Colônia Malhada, e informações que demonstrassem apropriações e representações dos saberes matemáticos.

Quanto às atividades diárias, foram encontrados relatos sobre tipos de cultura plantados na época, a indicação de que as opções pelos cereais, como milho, cevada e trigo, advinham da herança cultural dos primeiros imigrantes poloneses na região. O cultivo de trigo apareceu muitas vezes, como opção de cultivo, inclusive o trigo Marumby ou Trigo 45, qualidade que foi produzida na região após muitas tentativas de adaptação. Outra contribuição é a presença de relatos sobre a extração de erva-mate, produto que, por um período, foi uma das produções econômicas na história do Estado do Paraná.

Outras contribuições são relatos referentes à vivência dos moradores da Colônia Malhada, fatos estes que fizeram parte da história local. A forma de comunicação utilizada na época, pelos moradores da colônia, eram os jornais e as cartas, entregues aos seus destinatários pelo padeiro. O meio de transporte utilizado na época foi a charrete e a carroça. As formas de lazer eram as festas religiosas, realizadas nas igrejas, da Colônia Malhada e localidades vizinhas. Há informações sobre os encontros, nos casamentos de pessoas da comunidade, em que, geralmente, o prefeito era convidado e nestes encontros o professor Alfredo José Eichel aproveitava e entregava os documentos das escolas locais.

No entanto, o que chama a atenção é o quanto o professor trabalhou pela educação do local, buscando formar pelo supletivo as professoras que atuaram após sua morte, como sua filha Cecília Teresinha Eichel, que trabalhou na escola isolada de Olho d'Água. As professoras, Rosalina Greboge e Maria Greboge foram suas alunas e trabalharam nas esco-

las isoladas de Gamelas e Ribeirãozinho. Inclusive nos relatos no diário, aparece o fato da exoneração da professora extranumerária na época, Rosalina Greboge, e as ações do professor para que a escola de Gamelas não fosse fechada, incluindo a redação de um abaixo-assinado tentando evitar esta ação do governo Bento Munhoz.

Ao observar o diário e percorrer suas folhas, nota-se a presença de números, tabelas, a utilização das fases da lua para o plantio e o uso de unidades de medida que o homem do campo foi criando com o passar do tempo. A partir do seu uso, foi desenvolvendo-as e adaptando-as às necessidades agrícolas do local. É o caso da quarta, que corresponde a um quarto do alqueire e que não é mais utilizada hoje, como o foi na época em que o professor viveu na Colônia. Já a unidade de medida “alqueire” ainda é usada.

A noção do passar do tempo e a forma linear como o professor organiza os registros diários correspondem a uma ação do saber matemático na maneira de contar, distribuir e organizar todos os dados, de uma forma clara de ser entendida pelos leitores, mesmo que não imaginasse que alguém iria ler essas informações.

Desta forma, o diário do professor constituiu-se como uma fonte rica de dados, relatos e fatos, que marcam suas ações no tempo e no espaço, a história de uma pessoa comum que, em suas anotações do cotidiano, contribuiu com a história da Colônia Malhada.

Referências

BACELLAR, Carlos. Uso e mau uso dos arquivos. In: PINSKI, Carla Bassanezi. (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016.

BORBA, Francisco S. **Dicionário UNESP do Português Contemporâneo**. Curitiba: Piá, 2011.

BURKE, Peter. **A Revolução Francesa da historiografia**: a Escola dos *Annales* 1929 – 1989. Tradução de Nilo Odália. São Paulo: Editora da UNESP, 1991.

CASA DA POLÔNIA. Economia da Polônia. Disponível em: <<http://www.culturapolonesasp.com.br/index.php/site-map>>. Acesso em: 20 jun. 18.

CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 2002.

COLNAGHI, Maria Cristina. **São José dos Pinhais**: a trajetória de uma cidade. Curitiba: Editora Prephacio, 1992.

CUNHA, Maria Teresa Santos. Do coração à caneta: cartas e diários pessoais nas teias do vivido (décadas de 60 a 70 do século XX). **História: Questões e Debates**, Curitiba, n. 59. p. 115-142, jul./dez. 2013.

EICHEL, Alfredo José. **[Carta]** 29 dez. 1943, São José dos Pinhais [para] RIBAS, Manoel, Curitiba. 1f. Soli-cita data para festa na Colônia Murici e o comparecimento do interventor do Estado.

EICHEL, Alfredo José. **[Diário pessoal]**. 1946 – 1954, São José dos Pinhais.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio Século XXI**: o minidicionário da língua portuguesa. 5. ed. rev. ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

HÉBRARD, Jean. A escolarização dos saberes elementares na época moderna. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. **Teoria & Educação**, Porto Alegre, v. 2, p. 65- 190, 1990.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1992.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MAROCHI, Maria Angélica. **Imigrantes 1870 – 1950**: os europeus em São José dos Pinhais. Curitiba: Tra-

vessa dos Editores, 2006.

MEMORIAL HISTÓRICO DA ESCOLA MUNICIPAL ALFREDO JOSÉ EICHEL. Colônia Malhada: [S.l.], 1985. Material datilografado.

MENDES, Iran Abreu. **Números**: o simbólico e o racional na história. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2006.

MICHAELIS. Moderno Dicionário de Língua Portuguesa. 2015. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/tiguer>>. Acesso em: 11 jul. 18.

O DIA. Exoneração em massa de funcionários públicos. Curitiba, ano XXVII, n. 8626, p. 1, 10 fev. 1951. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx>>. Acesso em: 30 out. 2017.

O DIA. O Paraná sem escolas. Curitiba, ano XXVII, n. 8642, p. 1º mar. 1951. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx>>. Acesso em: 30 out. 2017.

O DIA. Lupion nos deu e Bento nos tirou. Curitiba, ano XXVII, n.8646, p. 3, 6 mar. 1951. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx>>. Acesso em: 30 out. 2017.

PARANÁ. 1951. Mensagem apresentada pelo Governador do Estado à Assembleia Legislativa. Curitiba, 1951. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/>

xmlui/handle/123456789/156765>. Acesso em: 30 out. 2017.

PINTO, Neusa Bertoni; VALENTE, Wagner Rodrigues. (Orgs.). **Saberes elementares matemáticos em circulação no Brasil**: dos documentos oficiais às revistas pedagógicas 1890 - 1970. São Paulo: Editora da Física, 2016.

SILVA, Irineu. História dos pesos e medidas. 2. ed. São Carlos, SP: EdUFSCar, 2010.

TURBANSKI, Stanislaw. **Murici**: terra nossa. Vol. I. 1878-1978. Curitiba: AMARO, 1978.

VIEIRA, Alboni Marisa Dudeque Pianovski. Instituições escolares: memória, fontes, arquivos e novas tecnologias. In: SILVA, João Carlos da; ORSO, Paulino José; CASTANHA, André Paulo; MAGALHÃES, Livia Diana Rocha. (Orgs.). **História da educação**: arquivos, instituições e memória histórica. Campinas, SP: Alínea, 2013. p. 65-77.

VÍÑAO FRAGO, Antônio. Las autobiografias, memorias y diarios como fuente histórico – educativa: tipologias y usos. **Revista Teias**, v. 1. n. 1, 2000. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/23827>>. Acesso em: 04 set. 2017.

Recebido em: 05/12/2018

Aprovado em: 18/04/2019

Alboni Marisa Dudeque Pianovski Vieira é Doutora e Mestre em Educação pela PUCPR. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação (Mestrado e Doutorado) da Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Editora da Revista Diálogo Educacional – PUCPR. e-mail: alboni@alboni.com

Rua Des. José Carlos Ribeiro Ribas, 1.409 – Curitiba, Paraná. Tel.: (41) 99102-2090.

Eunice de Fátima Ryndack é Mestre em Educação pela PUCPR, linha de pesquisa: História e Políticas da Educação. e-mail: euniceryndack@gmail.com

Rua Dr. Jayme França, nº 185 São Cristóvão – São José dos Pinhais – Paraná. CEP: 83005-260 Celular: (41) 99813-2043